

Incentivos
e EscolhasLuís Cabral
lcabral@stern.nyu.eduO PASSADO E O FUTURO
DO PETRÓLEO

Para o economista, a história do petróleo nos últimos 50 anos já teve três eras diferentes FOTO ALY SONG/REUTERS

Mais do que campanhas de sensibilização, mais do que grandes discursos políticos, mais do que intervenções tipo Green Peace: a melhor contribuição para solucionar o problema ambiental passa pelo preço de mercado

Há muitas maneiras de escrever a história do petróleo: para um geólogo, tudo começou há milhões de anos, mas para um economista o que interessa mais são os últimos 50. Para mim, as últimas décadas podem ser classificadas em três eras: apocalíptica, geopolítica e ambiental (aceito sugestões para outros nomes).

No famoso relatório "Os Limites do Crescimento" (1972), o Clube de Roma indicava um cenário de exaustão das reservas de petróleo em 20 anos. No entanto, desde então, o rácio entre reservas conhecidas e consumo anual aumentou significativamente: de cerca de 20 anos, em 1970, para cerca de 50 anos, atualmente. Em certo sentido, podemos dizer que temos mais petróleo (mesmo em termos proporcionais) do que tínhamos aquando das previsões apocalípticas dos anos 60 e 70.

Numa manobra monumental de ginástica mental, Graham Turner (da Universidade de Melbourne) afirma que os cenários do relatório dos anos 70 estão bem alinhados com os dados entretanto observados! É caso para dizer: "Uma vez malthusiano, para sempre malthusiano." Ou, por outras palavras: contra argumentos não há factos.

Enfim, chega de escrever sobre o apocalipse do petróleo. Mais relevante, em particular nas décadas que se seguiram aos choques de 73 e 79, é a questão geopolítica. Isto é especialmente relevante para um país como Portugal, tão dependente do petróleo e sem produção própria. A dependência do petróleo é significativa não só pelo nível elevado do preço como também pela sua variância.

O problema económico mantém-se, mas com uma dimensão muito inferior do que há 30 ou 40 anos. Porque? O que os modelos do Clube de Roma e outras organizações similares omitem é o papel do mercado, concretamente o preço de mercado. Em certo sentido, o melhor que aconteceu ao mundo nos anos 70 foi a subida do preço do petróleo (de menos de 20 dólares, em 1970, para mais de 90, em 1980): nos anos que se seguiram deram-se significativos desenvolvimentos — quer do lado da oferta quer do lado da procura — motivados por petróleo cinco vezes mais caro do que em 1970.

Em primeiro lugar, muitos países e empresas aumentaram os esforços de prospeção, o que levou a enormes descobertas

de depósitos de petróleo até então desconhecidos. Em segundo lugar, fontes de energia alternativas — como o álcool e o gás natural — começaram a substituir o petróleo como fonte de energia. Em terceiro lugar, o consumo tornou-se muito mais eficiente, um efeito que foi principalmente (mas não unicamente) visível no transporte automóvel. Tudo isto porque com petróleo a 100 dólares vale mais a pena descobrir e produzir do que com petróleo a 20 dólares; e vale muito mais a pena não consumir. Não é uma ideia muito complicada, mas é uma ideia muito forte e muito prática.

O problema "económico" do petróleo não foi afinal tão mau como muitos profetas do apocalipse proclamaram. No entanto, temos um problema ainda muito longe de resolvido, um problema que corresponde à era ambiental da história do petróleo: já tivemos desastres ecológicos q.b., incluindo o "Exxon Valdez" e o "Deepwater Horizon"; o gásóleo e a gasolina continuam poluindo a atmosfera a ritmo elevado e crescente; os plásticos levantam grandes problemas de sustentabilidade ambiental; etc.

Temos um problema
ainda muito longe
de resolvido e que
corresponde à era
ambiental da história
do petróleo

Que dizer — e que fazer — sobre os desafios da "era ecológica" da história do petróleo? "Uma vez economista, sempre economista": a solução passa, mais uma vez, pelo preço. Concretamente, a ideia mais consensual entre os economistas ambientais é o chamado imposto de Pigou: se o consumo do bem X (petróleo) causa danos para a comunidade (e.g., emissões de CO₂), então o melhor que podemos fazer é criar um imposto sobre cada unidade consumida do bem X num montante correspondente ao custo que o consumo implica para terceiros. O imposto leva a uma subida do preço, e o preço mais elevado tem o efeito no consumo que as "crises" dos anos 70 tiveram.

Mais do que campanhas de sensibilização, mais do que grandes discursos políticos, mais do que intervenções tipo Green Peace: a melhor contribuição para solucionar o problema ambiental passa pelo preço de mercado.

Professor da Universidade
de Nova Iorque e da AESEO autor escreve de acordo
com a antiga ortografia